



# O Gaiato

19 DE ABRIL DE 1969  
ANO XXVI — N.º 655 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR, PADRE CARLOS

FUNDADOR, Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## Lourenço Marques

Sebastião é um africano na casa dos quarenta, nascido lá para Inhambane, muito para o interior. Seu pai obrigou-o a ir à escola da Missão a 15 quilómetros distante, percorridos nos dois sentidos diariamente até que fez a 4.ª classe. Hoje é motorista particular dum director de empresa, na cidade de Lourenço Marques. Um homem cheio de dignidade, bom chefe de família, com sete filhos, alguns já no liceu.

A sua história veio-me à lembrança, quando hoje pela manhã, ao querer sair prá cidade, me vi atrazado por receber sucessivamente vários pais acompanhados de seus filhos pretendentes a um lugar na nossa escola. Para estes o problema não é a distância, mas que todas as escolas da Missão estão superlotadas; é lento e diminuto o rendimento dos alunos, atribuído injustamente à impreparação dos professores.

Vejamos a escola mais próxima de nós. Tem 180 alunos matriculados da 1.ª à 3.ª classe. O único professor tem o curso pedagógico da Diocese e recebe ajuda dum auxiliar com a quarta classe. O edifício é uma construção sólida em cimento, coberta a zinco. Condições materiais superiores ao trivial das escolas do mato, levantadas a caniço e cobertas com capim. Tais, são exclusivas do ensino missionário, com orçamento muito reduzido, sendo de estranhar por um lado as sobras de milhares de contos na verba provincial atribuída às construções escolares e não sendo por outro que as Missões se vejam angustiadas pela saída dos seus professores para outros sectores profissionais, com salários mínimos superiores.

Tendo em conta que cada escola é naturalmente um polo de atracção — como notoriamente acontece com a nossa — e de irradiação da civilização e religião, tão interligadas que não há destrinça nas escolas missionárias, vemos facilmente quão precário é o fundamento da portugalização que pretendemos fazer nestas terras africanas.

Continua na TERCEIRA página

Por  
Padre Horácio



As nossas festas trazem em alvorço os de casa e os de fora. Estamos a chegar à segunda etapa. Depois regressaremos à vida normal, tanto mais que se aproxima o fim do ano escolar.

Da primeira festa em Coimbra já vimos o sucesso. A segunda promete seguir-lhe o passo. Têm aparecido muitas famílias felizes por poderem assistir.

Leiria foi muito além do que esperávamos. Sala totalmente cheia e cheia de entusiasmos. No fim muitos quiseram agradecer-nos. Os mimos para a nossa ceia foram muito abundantes. Viemos carregados de carinho, de embrulhos e dezoito contos.

Da Figueira da Foz alguém me segredou que vem à festa a Coimbra, pois não pode estar na da Figueira e já não pode passar sem a nossa festa. Ali é o nosso professor Crisanto que chefia. Ele diz que são todos a trabalhar para que tudo corra bem.

No domingo passado veio ao meu encontro um casal já idoso da Covilhã. O senhor contou-me da sua mágoa quando entrou na sua fábrica no dia 29 e viu o prospecto a anunciar a festa para 28. «Ora bolas, lá se foi a festa dos Gaiatos!» Olhei-os com um sorriso e rectifiquei que o 28 é de Abril. Que grande alegria vi naqueles olhos!

Os nossos vendedores da Covilhã vieram dizer-me que o sr. Câncio lhes segredara: que esta semana iam ao ataque.

O Fundão, como o ano passado, irá vibrar de entusiasmo.

De Castelo Branco escreveram que há mais pessoas a colaborar e recebemos mais esta mensagem: — «Aguardo ansiosamente a vinda dos Gaiatos. Que Deus permita que eu possa assistir ao grandioso espectáculo que vão apresentar na nossa cidade no fim de Abril».

O nosso Vitor diz que em Tomar ainda vai ser melhor que o ano passado. Toda a gente fala na nossa festa. Eu não sei como há-de ser melhor, pois o ano passado foi tão bem!

Cont. na SEGUNDA página

## NOTA DA QUINZENA

«3 filhos pequenos, um marido epilético, uma renda de 120\$ semanais para um quarto onde só podem viver 2 pessoas, um senhorio que não permite a convivência dessas 3 crianças — eis o drama desta pobre mulher que lhe dirige estas palavras, tuberculosa em último grau, de nome..., moradora na Rua das Canastrelhas, 65, nesta cidade do Porto.

Calcorreando diariamente as ruas da cidade, pedindo de porta em porta uma côdea de pão para o estômago e algum dinheiro para a renda da casa, eis o meu drama, com o espectro dum senhorio que não me passa qualquer recibo do aluguel. Uma vida trágica, numa existência toda ela martirizada pelo infortúnio, eis uma síntese da minha vida, já de si destruída pela doença que me vai minando.

Porquê isto, Padre? Porquê? Porque fui jogada no mundo e nunca ninguém me ajudou, antes me roubaram o que tinha?

Arranje-me uma casa de renda económica, Padre! Uma casinha onde eu possa ter junto de mim os meus três filhos e onde não exista o espectro dos 120\$00 semanais.

Espero que alguém venha ter comigo para me ajudar. Venha depressa. Antes que eu morra

e estas crianças fiquem sem ninguém no mundo.

Venha Padre. Obrigado.»

A carta veio na semana da Paixão. Foi-se por lá, mas não a encontramos. Meteu-se a Semana Santa. Antes tinham sido as cheias. Nem sabíamos que a nossa correspondente, tendo de sair pela força da água, não tornara a entrar pela força do senhorio. Apareceu-nos ontem, segunda-feira de Páscoa. Foi no Lar, à hora do meio-dia. Ferida num pé. Peito a arfar pela caminhada.

— Padre, arranje-me uma casinha. Eu agora moro na Rua de Cedofeita. Foi o que apareceu na maré da aflicção de não termos pr'aonde ir. São 250\$00 por semana. Eu não posso mais. Arrasto-me por aí a pedir, mas são trinta mil reis por dia. A gente passa fome de morrer...

Eu não podia acreditar:

— 250\$00 por semana?! Vocemecê não está enganada?!...

— Oh, meu senhor, vá telefonar para lá. Eu não saio daqui. Vá telefonar e oiça.

E enquanto me dizia, levantou-se altaneira pela veemência da verdade. Depois, o corpioto franzino voltou à sua dimensão e à sua forma encar-

Continua na SEGUNDA página



O quadro da Nazaré. Uma das cenas mais deliciosas da revista que Américo preparou. E tem sido o encanto dos nossos amigos, nos palcos da zona norte do país.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## LAR DE COIMBRA

Como é do conhecimento de muitos conimbricenses, vamos ter a nossa segunda festa no próximo dia 20 de Abril.

Contamos que uma vez mais a vasta sala do Teatro Avenida esteja bem composta, pois já estão bastantes bilhetes vendidos. E já que falamos em venda de bilhetes, avisamos os senhores retardatários de que não se descuidem...

Esperamos portanto a vossa presença amiga para mais uns momentos de convívio.

Agradecemos dum modo especial a colaboração dada pela imprensa da cidade, representada pelos jor-

nais: «Diário de Coimbra», «Correio de Coimbra» e «Gazeta de Coimbra», os quais têm vindo até nós e feito interessantes reportagens sobre as nossas festas e as obras do novo Lar.

De igual modo agradecemos à rádio, nomeadamente o Emissor Regional de Coimbra que ainda há bem pouco tempo veio até às obras do Lar fazer a sua reportagem, a qual transmitiu no seu programa semanal «Por terras da Beira» e que gostamos muito de ouvir, o mesmo acontecendo de certo com todos os amigos que a ouviram, tendo como fundo o barulho da betoneira, dos martelos e outras ferramentas.

As obras do Lar não param. Então agora que os estudantes estão de férias, é de aproveitar para que eles dêem a sua mão, para andarmos mais

para a frente. Já temos a casa toda dividida e quem a vir agora já pode fazer uma ideia de como irá ficar no final. Mas daqui até lá, ainda há-de precisar da vossa mão amiga a ajudar-nos e a animar-nos.

Como já fizemos o ano passado, a receita das festas reverte toda para as despesas do Lar. Este ano como resolvemos repetir a festa em Coimbra, pois houve muitos amigos que ficaram sem bilhetes, tendo de voltar tristes a suas casas, aproveitamos para dar uma achega às nossas contas.

Portanto não vos descuideis, pois lá vos esperamos no próximo dia 20.

Francisco José

habitual alegria, à qual já todos nós nos acostumámos.

Os mais pequenos correm para ele e fazem-lhe sempre as perguntas capitais: Se Padre Francisco traz cinema? Está cá muito tempo? Quando vai embora?

O dia seguinte foi de preparação espiritual.

Durante os dias: Quinta, Sexta e Sábado procurámos participar nas cerimónias, na Igreja paroquial.

O Domingo de Páscoa foi cheio, com a Ressurreição do Senhor

Como de costume, houve bastantes visitantes, quase todos familiares de nossos rapazes.

vez para vos dar um boa notícia: Graças a Deus fomos ouvidos nesta nossa necessidade. Houve várias respostas, de entre as quais a primeira foi do «Grupo de amigos de Pombal» que nos ofereceu uma novinha em folha com os documentos e tudo o mais.

Depois houve mais respostas e agora já temos algumas. E que boas que elas são!

Agora é só aprenderem aqueles que não sabem andar.

Quanto a bicicletas estamos remediados. Resta-nos agradecer-vos a aceitação que tivemos em vós. Bem hajam

Fonseca

Novamente o assunto das bicicletas vem à tona da água. Mas desta

Continua na QUARTA página

## TRIBUNA de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

Ainda não marcámos na Lou-sã, mas esperamos que os nossos vizinhos lousanenses não fiquem sem a nossa presença. Esperamos deles uma palavrinha.

Temos estranhado que Cantanhede, onde temos o nosso

Padre Manuel e tantos Amigos, onde Pai Américo prêgou o primeiro sermão, não tenha reclamado a nossa presença, visto que tem o salão dos Bombeiros que é uma categoria. Aguardamos a sua voz.

Até ao nosso encontro, se Deus quiser.

Padre Horácio

DIA 20  
às 18,30 h.

**Teatro Avenida - COIMBRA**  
Bilhetes à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

DIA 20

**Humanitária de Palmela PALMELA**  
Bilhetes à venda: em Palmela, na Secretaria Filarmónica Humanitária, Tel. 233235; na Quinta do Anjo, Sebastião Fortuna, Telefone 237869.

DIA 21

**Cine Teatro de Tomar**  
Bilhetes à venda no Armazem Barateiro e no Cine Teatro.

DIA 22

**Cine Teatro Santa Maria ARRIFANA**  
Bilhetes à venda: Casa Ribas — S. João da Madeira e bilheteiras do Cine Santa Maria de Arrifana.

DIA 25

**Teatro Ribeiro Concelção Lamego**

DIA 25

**Casino da Figueira da Foz**

DIA 28

**Cine Teatro da Covilhã**  
Bilhetes à venda na bilheteira e Jerónimo dos Santos - Seguros.

DIA 29

**Cine Teatro da Gardunha Fundão**

DIA 30

**Cine Teatro Avenida Castelo Branco**  
Bilhetes à venda nas bilheteiras, na Casa Pinto e nas Papelarias Semedo e Elias Garcia.

## LOURENÇO MARQUES

Com a simpatia dos Dirigentes do Clube Indó-Português, fomos convidados para assistir a uma festa, num sábado à tarde, com os filhos de Samuel e Adelaide. Foi uma festa de grande nível.

Nessa festa alguns dos nossos rapazes também tiveram a oportunidade de mostrar que tinham jeito para fazer alguma coisa tanto nós como os filhos de Samuel. Mas a parte principal e melhor, coube a um grupo de filhos dos Dirigentes Também vimos uma demonstração de cães ensinados. Depois da primeira parte seguiu-se a merenda feita pelas senhoras dos Sócios, em que cada um trazia bolos e outras coisas de casa.

E assim fizeram uma merenda muito boa. Depois da merenda começou a segunda parte da festa, com uma peça de teatro, que estava muito bem elaborada.

Em seguida foi cinema para todos, foi um filme infantil

No final, depois de ter falado um dos Dirigentes do Clube, fez a entrega de dinheiro aos dois responsáveis de cada comunidade.

Pois em nome de todos os Gaiatos, e dos filhos de Samuel, agradeço ao Clube Indó-Português.

X X X

Agora falando da nossa Casa. Já começámos a nossa Aldeia. Estávamos à espera de acabar o nosso armazém, que agora já está.

Estamos com as oficinas que por agora, são: Carpintaria e serralharia que nos vão dar muito que fazer. Contamos com a vossa ajuda. Estamos também na colheita e debulha do milho e do girassol, que sendo a primeira vez está muito bom.

A todos os que nos queiram visitar a nossa casa está sempre às ordens a qualquer hora do dia.

Já temos um motor para tirar água para casa e para o nosso jardim que estava a ficar todo queimado por falta dela

Começámos já a preparar o terreno para a sementeira da batata.

O ano passado semeámos algumas para experiência e deu resultado. Este ano vamos semear em mais quantidade.

José Manuel Santos

## MIRANDA DO CORVO

A nossa Páscoa—Como nos anos anteriores, os três primeiros dias foram de preparação para celebrarmos o grande mistério da Redenção da Humanidade por Cristo.

Na terça-feira à tardinha quando todos andávamos atarefados a preparar os campos para neles semearmos as batatas, eis que chega senhor Padre Francisco com a sua

## NOTA DA QUINZENA

Cont. da PRIMEIRA página

quilhada e tombou de novo sobre o banco.

— Padre, arranje-me uma casinha, pelo amor de Deus. Eu não posso mais. A minha vida é um inferno. São 250\$00 por semana pró quarto e fome, fome de morrer.

Fomos conversando e vim a identificá-la. Afinal, sem a conhecer, já éramos conhecidos.

— O senhor tem lá um filho meu. É o «Pica-pau».

O «Pica-pau» é o «Vádio», de quem P.e Abraão se tem ocupado nas «Vistas de Dentro» e todos nós nos ocupamos muitas vezes por causa das suas aventuras.

— Sou filha de um advogado e neta de um visconde. A gente tem roças em S. Tomé, mas tudo nos roubaram.

Só então dei conta de que ela era mestiça, reparei no nome e a reconheci em sua mãe, que já há vários anos conhecia.

Então teve explicação uma certa nobreza de modos e de fala que nem tamanha miséria conseguiu ainda sepultar.

A conversa agitou-a. A tosse surgiu violenta. E ali mesmo, o chão da entrada do nosso Lar ficou tingido por uma hemoptise.

A gente está habituado a muita coisa, mas, por graça de Deus, nunca se habitua completamente. Por sorte, estava o Júlio ali ao meu lado. Ele, velho «tarimbeiro» no contacto com os Pobres, estava exausto, também. Se o sangue não nos corria da boca, nem por isso não sangrava o coração.

— Ó mulher, a gente não lhe pode arranjar uma casa. As da Câmara são só para os moradores das «ilhas» demolidas. E, baratas, onde as há? O que V. precisa é de ser internada. E se nos dá o outro filho, a gente recebe-o.

— E o meu marido? Ele não pode ficar só. É epiléptico. Nada pode fazer. Rasga-se todo. Se

eu fôr internada diz que se mata...

Pior, que um epiléptico é que não há quem o recebal Mas a verdade é que a solução imediata desta tragédia era o internamento do homem, para poder ser o internamento da mulher, a única que tem cabeça válida e vai ganhando aquela renda escandalosa, arrastada de porta em porta.

Eu ainda não estava bem em mim que pudesse ser os 250\$ semanais por um quarto!

Ela ficou ali a chupar gelo, enquanto arrefecia o caldo. Depois comeu um monumental prato de batatas e feijão frade e bacalhau.

— Mulher, V. não pode comer isso tudo.

— Pois não. Mas levo o resto num papelinho pró meu filho.

Mas comeu. Comeu tudo. E ficou prostrada.

Fomos os dois na nossa Opel. Eu queria ver o quarto. E ia buscar o Joãozinho, que ela me dizia ser muito esperto e eu traria nem que fosse «pesado» como o «Vádio». O quarto vi. Também a senhoria, a «sobre-aluga», que pagará talvez pelo prédio todo o mesmo que estes pagam por um quarto. O quarto é grande e arejado, sim. Mas é um quarto só, onde cozinham e comem, quando há. E onde dorme, um epiléptico, uma tuberculosa com hemoptises, uma pequenita de 4 anos e o Joãozinho de nove. A «patroa» me justificou a renda, dizendo que tinha sido para lhes fazer o jeito naquela urgência da cheia. Mas que não lhe convinha aquele género de inquilinos; e que eles tinham de sair.

Ouvi. Não soube dizer nada. O Joãozinho não estava. Virá outro dia. Para a pequenita de 4 anos sempre se arranjará uma solução... Mas o epiléptico?... E sem isso ela não deixa internar-se num sanatório, «porque ele diz que se mata».



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Se visses o que eu vejo acreditarias como eu acredito no valor do Rapaz da rua. Ele, o rebelde, o farrapão, o sujo, o malcriado, o vadio, o ladrão e sei lá que mais lhe chamam, é, afinal, um Valor.

Um exemplo entre muitos. Laurentino tem 17 anos. É tipógrafo; nas horas vagas enfermeiro; chefe na casa 4 de baixo e no refeitório dos pequenos, onde eu como também.

Há dias pergunta-me se já tinha pensado no que seria se a Mau, — nome que dá à gripe de Hong-Kong, — entrasse na Aldeia, e se já tínhamos pensado como evitá-la.

Disse-lhe: «Se a gente tomar muito óleo de fígado de bacalhau e comer muitas laranjas, o perigo não é grande».

— Então porque espera? — dispara ele.

Apanhado, tento uma desculpa dizendo que as laranjeiras se tinham negado, mais uma vez, a dar-nos o seu precioso fruto, e que o óleo só serviria para aborrecimentos e barulhos.

Atalha pronto e cheio de razão: «Arranje as laranjas e mande vir o óleo que cá pelo refeitório tomo eu a responsabilidade. Verá que ninguém resmungo.»

Fico envergonhado por causa da minha cobardia, e muito contente com o rapaz. Mostra



# VISTAS DE DENTRO

que tem personalidade e muito zelo pelos seus irmãos.

Mandámos vir o óleo e as laranjas vão-se comprando conforme as posses.

Chegou o óleo e eu mais uma vez me acobardei não indo assistir à primeira distribuição. Meti péta para chegar mais tarde. Não queria ter de me impôr. Mais uma vez fiquei envergonhado e apanhei lição.

Não sei o que o Laurentino disse aos rapazes. Sei que, agora, quando o Caramelo, que é o encarregado da distribuição do óleo, se esquece ou se faz esquecer, a malta começa logo a resmungar: — Então hoje não há óleo?...

Agora até do refeitório dos grandes o pedem!

x x x

Outra do Laurentino.

— «O refeitório está uma vergonha. Mande-o cair. Repare nas mesas, estão velhas e

mal arrumadas. Os «Batatas» não têm bancos suficientes e não chegam à mesa. É preciso dar melhor aspecto a isto e alindar as paredes. Isto não tem ambiente prá gente puxar por eles».

Diz tudo isto com cara de poucos amigos. Não me assusto e respondo que tudo aquilo era com ele e não comigo.

No dia seguinte vou dar com o refeitório a ser raspado pelo «Tomate». Laurentino queixa-se de que ele é azelha e, por aquele andar, terá obras de santa Engácia. Pede mais gente para ajudar, mas eu nego. Desabafa: «Se eu não tivesse a oficina,

vinha pra cá acabar com isto».

Tens razão, digo-lhe, mas o teu lugar é na oficina. Faz com que o «Tomate» se desembarasse.

Há-de ser ele a pôr o refeitório como quer. Não devo interferir nem ajudar. Tem de sentir dificuldades para as poder transportar. A sua vontade e o amor aos outros não de vencer. É preciso que ele saboreie a alegria de ter ideias e de as realizar para além das contrariedades. Eu acredito nele.

Conheci-o ainda não era nosso nem eu Padre. Sei como vivia numa rua de má nota e da vida negra que levava e

de como era tido por mau e vadio. Sei que ainda há poucos meses me pediu para o deixar ir embora porque eu «não o gramava e andava sempre a pegar com ele». Sei que percebeu a razão porque «eu pegava com ele». Porque sabia do seu valor, valor que ele não conhecia ainda e de que não tem consciência total. Quando o descobrir encontrar-se-á realizado.

Por isso e para isso é que ele agora é chefe. Tem ideias, gosta de as concretizar, interessa-se por tudo que seja da sua casa e dos seus rapazes. Isto é o que o fará realizar-se e ajudar os outros a realizarem-se também.

Padre Abraão

Visado pela

Comissão de Censura



## Auto-Construção

O homem precisa de se vestir e precisa de se abrigar. Através dos tempos, vestiu-se e abrigou-se de maneira muito diferente. A sua imaginação e a sua inteligência exercitaram-se e exercitar-se-ão profundamente neste pormenor da vida. O casaco é vestimenta comum ao homem, à mulher e à criança. Uns são mais curtos, outros mais compridos, estes mais simples, aqueles mais complexos. Usam-se nas diversas estações do ano. A moda tomou conta do casaco, mais do que outra peça de vestuário. Estão sujeitos ao império da moda os casacos das senhoras, dos cavalheiros e das crianças. Acontece, por isso mesmo, que, nalgumas casas há dezenas e dezenas de casacos que custaram dezenas e dezenas de contos. Está bem? De maneira alguma poderemos ser contra as fábricas de tecidos e os costureiros. Mas estes factos põem-nos diante de um importante problema humano, económico e social. O vestido abriga o homem, defende-o. E a casa? Não abrigará ela também o homem? Não lhe servirá de defesa? Não constituirá uma primeira necessidade? Roupas a mais, móveis a mais, brinquedos a mais, não será tudo isto, no fim, um estorvo? Muitas salas, muitos quartos, deixaram de ter espaço livre, pois estão abarrotados de malas, de caixas, de cortinados, de objectos novos e velhos. Quando alguém muda de habitação,

mesmo que esse alguém seja da classe remediada, é uma dificuldade e um encargo o transporte das mobílias. Há que raciocinar, que ser prático e ver e julgar entre o necessário e o dispensável. Ora a casa é absolutamente necessária à família, ao indivíduo, à criança. Hoje é necessária a campanha da casa própria. Há uns anos atrás não se punha a questão; todas as famílias queriam ter a sua casa. E até cada família procurava ter um edifício independente. Lá dentro poderia não haver muitas joias, muitos cristais, muitos quadros, muitos casacos; mas existia a casa. Era modesta, para a maioria, segundo os costumes da época; mas, mesmo assim, era uma casa. Não ter casa era sinal de pobreza, de desleixo e de inferioridade. Os tempos de hoje viram multiplicar assustadoramente os objectos de luxo. Mas quantas senhoras com diversos casacos de peles conforme a estação, ou as circunstâncias, vivem num quarto subalugado! Auto-Construção pretende fazer a campanha da casa para todas as famílias e ainda, quanto possível, da casa própria. Habitação para todos. Não se trata dum luxo mas duma necessidade. Casacos a mais? Não sabemos, não respondemos. Casas a menos? Com certeza.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Dentro do âmbito criado pelo Gaiato também os rapazes de Setúbal desta Casa do Gaiato, engendram as suas festas. É sempre uma riqueza renovada que todos os anos experimentamos; nós que nos vamos habituando a criar gerações de rapazes. Em cada idade eles se manifestam iguais a si próprios e se enriquecem na descoberta dos seus valores e no vencer as suas limitações.

Vamos a Azeitão, a Almada, a Palmela, ao Montijo e a Setúbal. É o ambiente já feito. O nosso fim é confraternizar. O tema dialogado é o amor dos homens. A nossa Obra é dinâmica. Os rapazes que se apresentam são, como os especta-



dores, operários de uma Obra para o futuro. Não, de forma alguma, simplesmente objecto do amor dos outros, mas também eles amam e se sacrificam para que esta Obra, que deles é mãe, possa ser melhor mãe para os que no futuro ao seu regaço se acolherem.

Por isso os entusiasma a festa. «É para pagarmos as nossas dívidas», dizem uns. «É para comprar máquinas para as oficinas», exclamam outros. Eles vêem o produto material da festa. E eu também. Ele faz-nos falta.

x x x

## Laurenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

Industrialização, meios de comunicação e ocupação da terra, estão na ordem do dia. Tudo necessário e urgente, com algumas consequências favoráveis ao ensino; mas este é uma necessidade primária do indivíduo.

«O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento económico do progresso social. Por isso a educação de base é o primeiro objectivo dum plano de desenvolvimento. A fome de instrução não é menos deprimente que a fome de alimentos: um analfabeto é um espírito subalimentado. Saber ler e escrever, adquirir uma formação profissional, é ganhar confiança em si mesmo e descobrir que pode avançar com os outros. Como dizíamos na nossa mensagem ao Congresso da UNESCO em Teerão, no ano de 1965, a alfabetização é para o homem «factor primordial de integração social e de enriquecimento da pessoa, e, para a sociedade, instrumento privilegiado de progresso económico e desenvolvimento» disse Paulo VI na Encíclica sobre o desenvolvimento dos povos.

Será pois acertada a indus-

trialização, será racional a ocupação da terra, será legítimo todo o comércio canalizado pelas novas vias de comunicação, que vai buscar em grande parte a sua riqueza às fontes naturais mantidas a distância da civilização, sem dar ao ensino prioridade legítima?

Padre José Maria

P. S. — Esses rapazes e raparigas da Metrópole que entulham de tédio cafés, lugares de diversão e salas de liceu e universidade; esses seminaristas e padres que deixaram cair da mão o Evangelho e prégam a igualdade e o serviço do próximo, não querem baixar a voz e baixar-se um pouco à condição dos heróis desconhecidos que por cá labutam ao serviço da Igreja pobre e serva? Há tantos «Sebastiões» a quem dar a mão! Tanto que fazer e tão pouco quem o faça... «Todos não somos muitos».

Ao S. O. S. dos rapazes de que me fiz eco no penúltimo jornal vieram respostas lindas, mas poucas. As nossas oficinas de Tipografia e Serralharia vão demorar muito a ter máquinas. Pelos vistos teremos de as conquistar com o nosso suor. É uma série larga de centenas de contos. Teremos de ir devagarinho.

Carcavelos, por uma Senhora mandou-nos um vale de mil. Setúbal respondeu simplesmente pela boca de «um pecador que se quer converter... pelos meus pecados»: mil. Um homem de Palmela mandou de Lisboa um cheque de 500\$00. Para Paço de Sousa foram cem. O Porto mandou-nos 50\$ como «pequena presença». Do Restelo veio um cheque de 3.000\$00 de um Professor Amigo com carta de encorajamento. Já tem marcado presença muitas vezes.

Eu fico à espera. Sem máquinas não tenho oficinas e sem estas não salvo os rapazes.

Padre Acílio



# Pelas Casas do Gaiato

Cont. da SEGUNDA página

## MALANJE

Estamos numa época em que precisamos da ajuda de todos. Estamos a construir as oficinas de serralharia, carpintaria e alfaiataria. Já estão começadas. Precisamos de tijolo, cimento, ferro e areia. Quem nos ajuda?

A [capa] de Pai Américo recebe de tudo, desde o vadio das ruas à moeda mais pequena.

Num domingo, depois da benção, soaram, como habitualmente, as palavras do senhor Padre Telmo, e dentro das suas palavras ouviram-se umas mais fortes: ...Tenho que ir a Luanda pedir. Os vendedores vão comigo...

Costuma-se dizer que só quem ouve e vê é que pode falar, mas aquele que não ouve nem vê e acredita, tem a eternidade.

Choveu. Enquanto chovia fui ler «A Porta Aberta». As suas linhas diziam o que era a Obra da Rua. Contam coisas semelhantes às que

acontecem actualmente. Um dos casos é tal e qual o meu. Eu não conheci Pai Américo, mas a sua escrita faz ver a sua figura.

Tu, leitor, que costumavas ler «O Gaiato», pede este livro, para que te faça ver melhor o que é a Obra da Rua.

A nossa carrinha partiu com 16 rapazes. Foram confraternizar com os seus irmãos de Benguela e ao mesmo tempo descansar. Desta vez foram os «Batatas» com alguns grandes. Ninguém falou. Eles mereciam

Dia 24 temos três dias de retiro juntamente com alguns rapazes da Casa de Benguela. As duas Casas juntam-se para os rapazes melhor se identificarem com a Obra.

É o primeiro retiro das casas de Angola, e desde já faço votos que este retiro continue a realizar-se uma vez por ano. Que estes três dias sejam para nós dias de meditação.

Manuel Fernandes



Antes que nos acusem de Horizontalistas nestas pequenas vivências do Barredo, queremos dizer ao leitor mais purista que se trata aqui de problemas concretos dos nossos Irmãos a quem se negou ou não deu meios de realizarem a sua condição de seres humanos como pessoas.

A pessoa humana, porém, só o é em plenitude, quando contempla a Luz da Redenção Divina que a coloca num plano ultra natural, ou seja, a sobrenaturaliza e a constitui herdeira da glória eterna. É nesta perspectiva humano-divina que nós olhamos para os nossos Irmãos, os amamos, os defendemos e com eles sofremos. Assim, ao encararmos a realidade das suas condições de vida infra-humanas, colocando-nos na linha horizontal, não perdemos de vista a dimensão Vertical e é mais por esta que lutamos por eles. Mas, para que eles encontrem esta dimensão, a dignidade de filhos do Pai Celeste, temos de lhes dar primeiro a dignidade da sua própria natureza humana.

Pai Américo ao falar desta realidade dizia: «A necessidade de pão para a boca absorve tudo e faz esquecer tudo o mais; nem moral, nem costumes, nem asseio — Pão! Depois de saturados, então sim; vamos à moral, aos costumes,

ao asseio. É até, por este caminho, e só por ele, que chegamos às culminâncias do Evangelho... O Mestre fez e ensinou que primeiro se deve dar de comer a quem tem fome». Esta verdade puramente natural não nega, pelo contrário, confirma a realidade sobrenatural que a dinamiza. Dinamismo que brota do coração de Jesus Cristo, centro e ponto de encontro das duas dimensões: a horizontal e a vertical, que é a Cruz que ELE tomou e pela qual os homens foram resgatados. Centro donde dimana o amor de Deus aos homens e onde estes encontram a sua plenitude de pessoa humana, que os torna solidários com os outros homens.

É, pois, nesta dimensão e não noutra, que vivemos ao serviço dos nossos irmãos mais carecidos, e vo-los apresentamos; para que nos amemos mais uns aos outros e na Terra haja paz e progresso.

Na concretização deste Ideal cristão todos temos de trabalhar de mãos dadas. Porque já vai sendo assim no Barredo, informo-vos que a angustiosa situação do Sr. Alfredo e sua família já encontrou, por mão dos Vicentinos de S. Nicolau, casa condigna, embora ela represente um esforço de perto de 500\$00 mensais.

Padre Abraão



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.  
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

«A criança diminuída física, mental ou socialmente, deve receber o tratamento, a educação e o cuidado especial de que carece o seu estado ou a sua situação». (Da Declaração dos Direitos da Criança.)

Começa agora a suscitar longo interesse o problema dos diminuídos físicos, mormente da criança. Mal de nós se as coisas ficarem apenas em palavras e não virmos em factos aquilo que todos desejamos: a multiplicação de centros adequados e eficientes, dotados de pessoal competente e em número necessário, dispondo dos recursos materiais mínimos para levarem a cabo a sua finalidade. Não fica mal referir aqui o trabalho desenvolvido por 2 instituições, uma no norte e outra no sul, que muito têm trabalhado neste sector. Trata-se do Hospital Maria Pia, no Porto, e do Hospital de S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, onde os Valores são bens incarnados por aqueles que nelas trabalham e servem, com a entrega das próprias vidas.

Mesmo numa visão materialista das coisas, como é tão próprio da época em que vivemos, em que tudo se cifra em verbas, seria de um interesse incalculável a recuperação possível de todos aqueles que as circunstâncias da vida marcaram no seu corpo. Isto para não falar em aspectos morais e sociais, espirituais e de dignidade, individuais e colectivos, muito mais importantes do que aqueles que se traduzem por cifrões. Aquele exemplo que há anos nos veio da Bélgica não é apenas um extremo, mas revela uma mentalidade mais ou menos disseminada, mesmo nesta Terra de Santa Maria, à maneira espartana, em que só têm lugar os são, como se os diminuídos físicos não tivessem alma e não fossem credores da nossa atenção. E uma forma de revelar essa mentalidade reside

# Aqui Lisboa

precisamente no pouco interesse ou no não valer a pena postos ao serviço destes nossos irmãos. Até nos esquecemos de que amanhã também nos pode caber a vez ou aos nossos, de nos situarmos em circunstâncias similares!

Um outro sector onde pouco ou nada existe em Portugal é precisamente o que diz respeito ao atrasado mental, mesmo recuperável. Não se negam esforços isolados e sérios, sabe Deus com que recursos à disposição; mas o que há é manifestamente insuficiente para ocorrer às necessidades. Não existem escolas e não há professores nem pessoal preparado. Se atendermos, por outro lado, ao facto que aquilo que temos se situa à volta de dois ou três centros mais importantes, facilmente

concluiremos do abandono a que estão votados milhares e milhares de crianças atrasadas mentais. Os valores materiais desprezados, que não são aqueles que mais interessam a quem escreve, dificilmente poderão ser escriturados. O País perde em trabalho e em rendimento, numa época de transição brusca entre os vários sectores económicos e de afastamento de grande parte da sua mão de obra para o estrangeiro. Aproveitando, por exemplo, potencialidades contidas no atrasado mental, susceptível de aprendizagem manual de uma arte ou ofício, muito lucraria a Nação e valorizar-se-iam humana e socialmente, com perfeita integração no todo, muitos dos seus filhos. E a nossa terra não é tão rica que possa assim desprezar os seus bens ou as suas energias! Isto para não falar do avolumar do caudal da criminalidade fornecido pelos desajustados e atrasados mentais.

x x x

A Casa-mãe é o alvo da nossa atenção. Ontem sonhámos com ela e vimo-la a funcionar. Quem nos dera que tal sonho fosse já realidade! Há-de ser um dia, não temos dúvidas! O penhor desta certeza é aquele Senhor que ressuscitou e está vivo no meio de nós. Em Seu Nome tudo é possível e a Obra está-lhe entregue desde a primeira hora!

Padre Luís



O casamento do Fausto e Natália.



Nota de presenças: Na anterior esqueci-me de mencionar os vales recebidos de Paço de Sousa, tendo sido o último de 110\$00. Veio ainda um pacote com impermeáveis novos e uma outra encomenda que ainda se encontra nos C. Ferro.

Contribuição mensal, de 1.000\$00, de Helena, de Lisboa. Outra de perto de 200\$00, de Anónimo, também de Lisboa. Ainda outra de 50\$00, de Maria Cecília e Marido, de Braga.

As sócios da Caixa de Previdência da cidade de Viseu, sempre presentes, por intermédio das Irmãs Valles.

Ambrosina, de Coimbra, enviou, em tempos, 100\$ e agora vale de 380\$00.

Um estudante, de Viseu, 300\$, em cumprimento de uma promessa.

De um senhor Cônego, de Viseu, 300\$00, pelo Natal. 50\$

de Maria do Céu, de Lisboa. De Caldas da Rainha, 150\$00 para as obras da Casa. 100\$00 do Sobrevivente do Casal R. D., para a ceia das Belenitas. Roupas da América, por Evelina Lopes. 100\$00 duma Lecista da Figueira e outro tanto de Eugénio, da mesma terra. O mesmo de Maria José, do Porto e metade dum Coronel, de Felgueiras.

Da Amiga e colega Angelina, de Lisboa, chegou um vale de 200\$00 e uma encomenda de roupas, por mão própria. 50\$ por alma duma Irmã falecida. 500\$00 em vale, por Maria Amélia, de Carcavelos.

O Pai da Gracindinha, sempre pontual com os 50\$00 mensais. 100\$00 de Oliveira, outro tanto de um Manuel, do Porto e metade de Maria da Luz, de Caldas de Arêgos. Mais 100\$

de Maria José, de filhavo. 150\$ de Maceira - Liz.

Pessoas que nos visitaram deixaram 100\$00, mais 50\$00, mais 50\$00.

Um Casal do Porto deixou 500\$00. Alguém enviou 250\$00 por mão própria.

O Rotary Clube de Viseu, veio entregar cobertores novos, o que tem feito todos os anos, pelo Natal.

Da Companhia Nacional de Electricidade, recebemos 1.000\$.

Vieram ainda, pelos C. T. T., pacotes de roupas e calçado, de várias origens e também por mão própria, de Viseu.

Mas... e as obras da nossa Casa?

Quem se lembra delas? No próximo verão como são urgentes.

Inês — Belém — Viseu